



GT-6 – Informação, Educação e Trabalho

ISSN 2177-3688

INTERSECCIONALIDADE DE GÊNERO E IDADE: ANÁLISE DO PERFIL DA PESSOA BIBLIOTECÁRIA

INTERSECTIONALITY OF GENDER AND AGE: ANALYSIS OF THE LIBRARIAN PERSON'S PROFILE

Denise Braga Sampaio – Universidade Federal da Bahia (UFBA),
Raquel do Rosário Santos – Universidade Federal da Bahia (UFBA),
Maria Cleide Rodrigues Bernardino – Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Aborda o perfil da pessoa bibliotecária a partir da interseccionalidade de gênero, idade e raça. É pautado na problemática: como o etarismo e o gênero impactam no desenvolvimento profissional das pessoas bibliotecárias? Tem como objetivo geral: evidenciar como as questões relacionadas à idade e ao gênero podem influenciar as pessoas bibliotecárias no desenvolvimento profissional; e específicos: mapear a faixa etária de profissionais da área de Biblioteconomia do Brasil; verificar e relacionar possíveis barreiras na formação profissional de pessoas bibliotecárias a partir das discussões sobre etarismo e gênero; identificar possíveis barreiras ao ingresso no mercado de trabalho, ascensão e qualificação profissional; e analisar se o etarismo interfere nas relações sociais, na formação e nas atividades profissionais destas (es) bibliotecárias (os). Foi delineada em uma pesquisa exploratória, com o uso de questionário misto pelo *Google Forms*, aplicado aos (às) profissionais registrados (as) nos Conselhos Regionais de Biblioteconomia do Brasil, e análise de conteúdo. Conclui que as bases alicerçadas em preconceitos diversos da sociedade, definem e determinam os entendimentos dos perfis profissionais das pessoas bibliotecárias, perpassando por marcadores que se interseccionam e refletem no comportamento e atuação profissional.

Palavras-chave: perfil profissional; interseccionalidade; mercado de trabalho - biblioteconomia.

Abstract: It addresses the profile of the librarian from the intersectionality of gender, age and race. It is based on the problem: how do ageism and gender impact the professional development of librarians? Its general objective is: to show how issues related to age and gender can influence librarians in professional development; and specific: mapping the age range of professionals in the area of Librarianship in Brazil; verify and relate possible barriers in the professional training of librarians based on discussions about ageism and gender; identify possible barriers to entry into the labor market, ascension and professional qualification; and to analyze whether ageism interferes with social relationships, training and professional activities of these librarians. It was outlined in exploratory research, with the use of a mixed questionnaire by Google Forms, applied to professionals registered in the Regional Councils of Librarianship in Brazil, and content analysis. It concludes that the foundations based on different prejudices of society, define and determine the understanding of the professional profiles of librarians, permeating through markers that intersect and reflect on behavior and professional performance.

Keywords: professional Profile; intersectionality; job market - librarianship.

1 INTRODUÇÃO

‘Você é jovem, pensei que fosse mais velho(a)!’ ‘É jovem, mas é uma profissional competente’. ‘Acredito que em seu tempo foi dessa maneira’? ‘Ela já deveria estar aposentada’. Falas como essas marcam, invisibilizam, geram dúvidas sobre a competência de profissionais que deixam de ocupar cargos por serem jovens ou velhos, segundo a crítica social. Mas, quem determinou esses padrões? Quando nos tornamos avaliadores e determinantes de qual gênero, raça, idade ou religião uma pessoa deve, ou não, ter para ocupar uma posição social? São perguntas que tecemos e que conduzem a outras e que ainda estão emaranhadas em uma teia sem respostas. Essa trajetória compõe o olhar da sociedade e favorece também para constituição de um perfil da pessoa bibliotecária. Sim, acreditamos que esses marcadores sociais impactam na formação e atuação de bibliotecários(as). Iniciamos esta pesquisa nos indagando: como o etarismo e o gênero impactam o desenvolvimento profissional das pessoas bibliotecárias?

Para responder essa questão norteadora, traçamos o seguinte objetivo geral: evidenciar como as questões relacionadas à idade e ao gênero podem influenciar as pessoas bibliotecárias no desenvolvimento profissional. Para tanto, os objetivos específicos foram: mapear a faixa etária de profissionais da área de Biblioteconomia do Brasil; verificar e relacionar possíveis barreiras na formação profissional de pessoas bibliotecárias a partir das discussões sobre etarismo e gênero; identificar possíveis barreiras ao ingresso no mercado de trabalho, ascensão e qualificação profissional; e analisar se o etarismo interfere nas relações sociais, na formação e nas atividades profissionais destas (es) bibliotecárias (os).

2 ATUAÇÃO BIBLIOTECÁRIA E INTERSECCIONALIDADE GERACIONAL E DE GÊNERO

Com a aprovação da Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, o exercício profissional da pessoa bibliotecária passa a ser regulamentado, sendo uma atuação dos(as) portadores de diplomas expedidos por Instituições de Ensino Superior (IES) que possuem o curso de Biblioteconomia, devidamente reconhecido (BRASIL, 1962). A formação em Biblioteconomia, possui tempo médio de duração de 4 anos, habilitando o(a) bibliotecário(a) a atuar como um(a) agente mediador(a) da informação, apoiando que os diversos sujeitos, em instituições

sociais diferentes, possam ter o acesso e o apoio necessário para se apropriarem da informação.

Apesar da atuação do(a) bibliotecário(a) remontar à antiguidade, com a trajetória histórica, esse(a) profissional da informação vem transformando seu agir, pautado nas normativas, como a Lei supracitada, que transpõe as necessidades sociais e a luta dos órgãos representativos da classe profissional, como também, alinhada a essa interferência sociocultural, as reflexões teóricas de intelectuais que contribuíram para um exercício consciente da pessoa bibliotecária. Desse modo, o(a) bibliotecário(a) pode desenvolver suas atividades fundamentadas nas normas e teorias, realizando um agir humanizador, ético e consciente, buscando apoiar a transformação dos diversos sujeitos que integram a sociedade.

A Biblioteconomia, cujas práticas são realizadas pelos(as) bibliotecários(as), objetiva atender as demandas apresentadas por qualquer sujeito que integra a sociedade. Dessa maneira, as atividades realizadas pelo(a) bibliotecário(a), sejam elas técnicas, relacionadas à preservação e a organização dos documentos, ou mesmo aquelas práticas ligadas à formação leitora e cultural dos sujeitos, devem apoiar “[...] a utilidade social dos registros gráficos [...]”, segundo refletiu Shera (1977, p. 11), ou seja, favorecer que os diversos sujeitos atribuam sentido aos documentos e à informação, que os documentos possam ser recuperados e acessados e as informações apropriadas, de modo, a (trans)formarem a vida dos sujeitos.

O(a) bibliotecário(a) ao realizar suas atividades deve buscar cumprir com sua responsabilidade social, na medida em que atua para emancipação dos sujeitos, por meio do fortalecimento sociocultural e cognitivo deles. Como afirmam Edmir Perrotti e Ivete Pieruccini (2007, p.51, grifo dos autores)

[...] **informar e informar-se** envolvem saberes e fazeres especiais e especializados que, diferentemente de atitudes, competências e habilidades exigidas em passado culturalmente distinto e cada vez mais distante, dificilmente se constituem no simples fluxo do existir cotidiano.

Ao desenvolver a organização e a representação da informação, os(as) bibliotecários(as) objetivam criar dispositivos para favorecer a seleção, localização, recuperação e o acesso à informação, de maneira rápida e que supra suas necessidades informacionais. Portanto, as atividades técnicas, por exemplo, descrição, indexação e classificação dos documentos, devem ser compreendidas como ações que apoiam a apropriação da informação.

Por outro lado, como reflete Marielle de Moraes (2018) a formação do(a) profissional em Biblioteconomia, tem impulsionado que esse(a) reflita sobre a relevância em desenvolver atividades que fomentam a interlocução entre os diferentes sujeitos, como as desenvolvidas no serviço de referência, potencializando o processo dialógico, utilizando como subsídio os produtos e os serviços oferecidos pelos(as) bibliotecários(as). Debates que podem proporcionar a conscientização por parte dos sujeitos, sobre as relações socioculturais, sua existência e seu agir, favorecem o compartilhamento de conhecimentos e saberes, como também a interação com o diferente, o contraditório, oportunizando a possibilidade de (re)criar condições de transformação social.

Por meio da base formativa, do arcabouço teórico e da vivência, o(a) bibliotecário(a) desenvolve ações mediadoras, pautadas por uma postura ética e fundamentada pelo viés da alteridade, compreendendo que os diferentes sujeitos, que integram grupos socioculturais diversos, possuem necessidades informacionais que devem ser percebidas. Nessa conjuntura, o(a) bibliotecário(a) também é um ser social, que possui características distintas, e pela pluralidade desses(as) profissionais da informação, deve-se considerar uma formação que subsidie o alargamento das perspectivas sobre a complexidade das relações socioculturais e a constituição de uma sociedade diversa, e que se deseja alcançar a justiça e equidade social, incluindo a garantia de acesso à informação, para o alcance de seus direitos. Assim, as preocupações e os problemas transparecidos pela sociedade, aliados às exigências do mundo do trabalho, tornam latentes a necessidade do(a) bibliotecário(a) com múltiplas habilidades e competências, profissionais diversos, que reflitam sobre os problemas sociais, que até os vivenciaram, e tornem-se agentes da democracia, da conquista da emancipação e liberdade social.

É fundamental a compreensão de que o perfil dos(as) bibliotecários(as) reflete as mudanças socioculturais, sendo sujeitos distintos, com vivências singulares, e que devem expressar em seu fazer as demandas da sociedade que integram, buscando expressar a preocupação em relação aos desafios de uma conduta protagonista, com o objetivo de garantir a satisfação dos sujeitos, no que tange ao desenvolvimento social. Marta Lígia Valentim (2019, p. 54) afirma que é necessário desenvolver uma visão de futuro nos(as) bibliotecários(as) “[...] de modo a ampliar os papéis e as responsabilidades que exercem em uma determinada sociedade, inovando e promovendo mudanças incrementais e radicais nas ações bibliotecárias”. Nesse sentido, as exigências do mundo do trabalho cobram desses(as)

profissionais competências, a fim de que possam desenvolver um processo efetivo e reflexivo das relações entre os sujeitos com a informação, transformando suas atividades, como também contribuindo para a resignificação e o reconhecimento de seu papel na sociedade.

Ocorre que este(a) profissional é lapidado(a) pelas avenidas identitárias de suas vivências, que se entrecruzam no que se passou a conhecer como interseccionalidade (CRENSHAW, 1991; AKOTIRENE, 2019). Em linhas gerais, de acordo com Carla Akotirene (2019, p. 26),

[...] o pensamento interseccional explicou a matriz de opressão cisheterossexista, etária, divisória sexual do trabalho, segundo a qual [...], as mulheres negras eram trabalhadoras nas casas das ‘mulheres brancas instruídas’, chegavam em casa e tinham seu dinheiro tomado por ‘maridos ociosos’ bastante ofendidos porque ‘não havia comida pronta dentro de casa’.

As bases fundantes, portanto, do pensamento interseccional são provenientes do feminismo negro e nos ajudam a entender que a violência tanto não se dá de maneira hierárquica, como não se dá de maneira isolada (CRENSHAW, 1991). Isso se reflete nas relações estabelecidas no mercado de trabalho e na própria dinâmica de cada área, que valoram sua importância social e monetária a partir de recortes identitários hegemônicos.

É o que revela, por exemplo, o estudo de Vanessa Fredrich; Izabel Coelho e Leide Sanches (2022), ao concluir que o Brasil sofre os efeitos do racismo científico e de uma falsa ideia de democracia racial, que se reflete no ingresso de corpos negros na universidade. Especialmente, em cursos considerados de elite, como a Medicina, em que apenas 28% dos egressos, do ano de 2019, eram pessoas negras, mesmo que metade da população brasileira seja negra¹ e com a implementação das leis de ações afirmativas completar, em 2022, dez anos.²

Esse dado revela que o abismo social promovido pela interseccionalidade de gênero, raça, classe desencadeia outras formas de violência, como a violência epistêmica, a falta de representatividade em setores da sociedade (como a pouca discussão da saúde para pessoas negras e da periferia), mas há, ainda, outros marcadores sociais que impactam na vida e na profissionalização das pessoas, como a própria questão geracional.

¹ De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2021, atualmente, 56,1% dos(as) brasileiros(as) se declaram pretos(as) e pardos(as).

² Atualmente, o Brasil conta com a Lei 12.711/2012 e a Lei 12.990/2014, como dispositivos legais específicos voltados às cotas, que incluem a temática racial. A primeira delas trata do ingresso nas IES e, a segunda, da reserva de 20% das vagas oferecidas em concursos públicos para pessoas negras.

De acordo com o Relatório Mundial sobre idadismo (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2022), a idade é fator preponderante nas relações sociais humanas, interferindo na qualidade de vida das pessoas, em virtude de sua juventude ou velhice. A esta relação, damos o nome de idadismo.³ O idadismo pode se manifestar na perda de laços sociais, por idosos, a medida em que a idade avança, perda de cargos de trabalho e de credibilidade, enquanto, para jovens, pode significar a falta de oportunidade em virtude da falta de experiência, como pode, também, gerar descrédito deste jovem em posições que envolvem a tomada de decisão (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2022). Ainda segundo o relatório (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE, 2022), o idadismo apresenta uma escala que enreda o idadismo institucional, o idadismo interpessoal e o idadismo contra si próprio, o que impacta a vida das pessoas em relação à saúde, as perspectivas econômicas e psíquicas.

De acordo com o levantamento, realizado entre 2020 e 2021, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população brasileira com 60 anos, ou mais, aumentou em mais de 14%, enquanto a população com menos de 30 anos, caiu 5,4% (CABRAL, 2022). Os dados revelam um envelhecimento da nossa população, no entanto, a desigualdade segue pairando na intersecção de raça, gênero, sexualidade, idade e escolaridade. Ainda de acordo com o PNAD/IBGE, há uma balança que pende, em termos instrucionais, para uma maior qualificação da população branca, em relação às pessoas pardas e pretas. O levantamento revela que 39,2% das pessoas negras acima de 25 anos são analfabetas, enquanto 27,8% são pessoas brancas. Já as pessoas negras com o ensino superior completo são apenas 12,6% da população, enquanto 27,1% são pessoas brancas. O acesso ao ensino superior é, a partir do que revelam estes dados, um privilégio de poucos, mas para determinados marcadores sociais, esse ingresso e a própria permanência são demandas ainda a serem transpostas (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS, 2022).

O IBGE, no ano de 2019, constatou que homens dedicavam, em média, onze horas por semana aos afazeres domésticos e cuidado com outras pessoas, enquanto as mulheres dedicavam 21 horas às mesmas tarefas. Isso impacta a permanência das mulheres em jornadas de trabalho de 30 horas semanais (que resultam em maior remuneração e

³ Existe uma diversidade de termos que estão envolvidos na discussão, como etarismo, idadismo, velhofobia etc.

possibilidade de ascensão profissional). Ainda de acordo com a mesma pesquisa, as mulheres ganham aproximadamente 77,7% do que ganham os homens, mesmo que, em nível instrucional, mulheres com 25 anos ou mais sejam 19,4% das pessoas que completaram o ensino médio, enquanto os homens são 15,1% (MULHERES...[20--]).

E o que isso tem a ver com a Biblioteconomia? As bases fundantes da nossa área se fizeram na correlação entre o controle da informação, o classismo intelectual e a manutenção de uma ordem hegemônica religiosa e monárquica, no período da Idade Média, quando as bibliotecas estavam reservadas aos monastérios e palácios reais. Período em que os bibliotecários eram homens doutos, cuja missão era não somente cuidar, mas controlar o acesso ao livro, a pessoas muito específicas. Com o passar do tempo e findar da Idade Média, a relação com a informação e a própria concepção do perfil profissional da Biblioteconomia ganhou outros ares, pautados no acesso, em contraposição à inacessibilidade, e na perspectiva social, em contraposição à hegemonia do saber pelo Estado e pela Igreja.

A realidade brasileira teve percurso fundante análogo ao mundo europeu, uma vez que fora colônia de Portugal, de 1500 a 1822. De acordo com Ana Laura Xavier (2020, p. 13),

A tradição bibliotecária emergiu, no país, com a chegada das Ordens Religiosas, por volta de 1546, tendo Antônio Gonçalves como primeiro bibliotecário brasileiro [...] séculos mais tarde, em 1810, a instauração da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, como parte do esforço de Dom João para demarcar a nova capital do império português [...].

Em 1911, foi criado o primeiro curso profissionalizante em Biblioteconomia, baseado nos moldes da *École Nacional de Chartres*, idealizado por Ramiz Galvão, com vistas a qualificar as pessoas que trabalhavam na Biblioteca Nacional (XAVIER, 2020). Já em 1929, criou-se o segundo curso de Biblioteconomia, este, em São Paulo, com vertente mais tecnicista, baseada nas concepções norte-americanas de organização e tratamento do conhecimento e da informação (XAVIER, 2020). Foi justamente nesta virada de chave que, aqui no Brasil, a profissão passou a ser entendida como uma profissão ‘feminina’.

[...] a profissão bibliotecária foi definida, sobretudo a partir do século XX, como uma profissão feminina. No começo de seu desenvolvimento, associada aos ideais de conhecimento e sabedoria, os postos nas bibliotecas eram ocupados por homens. Com o aumento da tecnicidade da profissão, conjugada à saída das mulheres do espaço privado para o mundo do trabalho (mundo este pautado pelas relações de gênero) e a aproximação da Biblioteconomia com a Educação, a profissão e os cursos formadores de bibliotecários passam a atrair um grande contingente feminino (PIRES, 2016, p.19).

Essa passagem de profissão de intelectuais homens para tecnicistas mulheres fez com que a área passasse a ser encarada como pouco competitiva. De acordo com Beatriz A. de Souza (2014, p. 234) a predominância de mulheres, na Biblioteconomia, é “[...] um dos fatores que contribuem para ser uma carreira que não corresponde aos padrões sociais de uma profissão reconhecida, bem remunerada e de prestígio; portanto, tem o gênero como elemento estruturador de suas práticas”. O ingresso crescente de mulheres na Biblioteconomia se deu a partir da admissão destas, em 1887, nos cursos de formação promovidos, nos EUA, por Melvil Dewey (XAVIER, 2020). Nesta pesquisa, buscamos entender como essas relações se refletem na formação da área, tendo em vista que os marcadores sociais de gênero, idade, raça, classe e sexualidade trazem, à baila, as barreiras impostas pela falta de acesso à educação, escassez de tempo exclusivo para o desenvolvimento de competências e a dificuldade de integração e ingresso no mercado de trabalho, de pessoas de idades distintas.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

De caráter exploratório, a presente pesquisa visa entender as relações que intersectam a idade e o gênero na formação de profissionais da área de Biblioteconomia. Para isso, nos utilizamos do método de levantamento, tendo como instrumento de coleta de dados, um questionário misto, com perguntas abertas e fechadas, divididas em cinco seções, a saber: a) **conhecendo você, respondente**: coleta dados do perfil socioeconômico dos e das respondentes, envolvendo gênero, raça, sexualidade, faixa etária, região geográfica e classe; b) **formação - contexto de formação**: com dados básicos, como ano de formação, local em que estudou, tempo de formação; c) **formação - vivências da formação**: trata da participação do (a) respondente em atividades de pesquisa, extensão, estágio e pós-graduação; d) **relações interpessoais**: mapeia as relações interpessoais do (a) respondente com colegas e professores, bem como externamente à universidade, nos estágios e formação complementar; e) **mercado de trabalho**: perguntas relacionadas à dificuldade, ou não, no ingresso no mercado de trabalho, participação em cargos de gestão e demais perguntas relacionadas à vivência do (a) respondente, a partir da relação gênero/idade.

O questionário foi elaborado pelo *Google Forms* e enviado por e-mail aos bibliotecários e às bibliotecárias vinculados aos Conselhos Regionais de Biblioteconomia (CRB) do Brasil, entre os dias 13 de junho e 26 de junho de 2023. Ao todo, de acordo com o Conselho Federal

de Biblioteconomia (CFB), existem 14 CRBs, representados nas cinco regiões do país e nos 26 estados e Distrito Federal. A escolha pelos CRBs, se deu por estas entidades serem a instância fiscalizadora do trabalho dos e das profissionais da área de Biblioteconomia, por meio do registro destes(as).

O questionário é importante para esta pesquisa, uma vez que, como assevera Roberto J. Richardson *et al.* (2015, p. 189), “[...] os questionários cumprem pelo menos duas funções: descrever as características e medir determinadas variáveis de um grupo social”. Com base no autor, inferimos que a graduação em Biblioteconomia, no Brasil, é feita a partir de um recorte social, do ponto de vista da idade, heterogêneo, mas de classe e gênero, majoritariamente formado por pessoas das camadas sociais menos abastadas e por mulheres. Ainda, segundo tais variáveis, em uma perspectiva de gênero, acreditamos que os papéis desempenhados por homens e mulheres, de maneira ampla, são reverberados nesta profissão. Por isso, dividir o instrumento nas cinco seções descritas, traz-nos a possibilidade de melhor entender tais relações.

Com base nos dados coletados, a análise de conteúdo foi escolhida para melhor entender as relações estabelecidas entre a formação em Biblioteconomia, idade e gênero, uma vez que, como afirma Laurence Bardin (2016), a análise de conteúdo se trata de um conjunto de técnicas, que tem duas funções proeminentes, uma heurística e outra de administração de provas.

4 RELAÇÕES ETÁRIAS E ATUAÇÃO BIBLIOTECÁRIA: UMA ANÁLISE

Como resultado da aplicação do questionário junto às pessoas bibliotecárias vinculadas aos Conselhos Regionais de Biblioteconomia (CRB), foi possível alcançar **792 respondentes**, que participaram da primeira etapa de coleta de dados desta pesquisa. É importante destacar que, todas as questões foram facultativas, haja vista, desejamos conceder o poder e o direito de resposta aos(as) participantes. Portanto, a quantidade de respostas vai ter variação segundo a escolha do(a) bibliotecário(a) de compartilhar informações e percepções sobre o que lhe foi perguntado.

Ao buscar traçar o perfil socioeconômico dos e das respondentes, foi identificado que em relação ao gênero, dos (as) 792 respondentes, 787 (99,3%) sentiram-se confortáveis em responder a respeito de seu gênero. Assim, 80% das pessoas que responderam a esta questão identificam-se como mulheres cisgênero; 15,8% como homens cisgênero; 0,9% como pessoas

não-binárias e 2,7% preferiram não responder, estes últimos, por inferência somam-se aos 0,7% de pessoas que não responderam à questão. Os dados reforçam a ideia de que a profissão é majoritariamente composta por mulheres e revelam, ainda, a pouca inserção de pessoas do espectro transgênero (transexuais, travestis, pessoas não binárias etc.) na biblioteconomia.

Quanto às questões étnico-raciais, obtivemos 790 respostas, 555 (70,3%) dos(as) respondentes foram pessoas que se autodeclararam brancas, 145 (18,4%) pardas e 72 (9,1%) pretas. Observamos que somando pessoas pardas e pretas, 214 participantes desta pesquisa podem ser considerados(as) negros(as). Esse número ainda é pouco expressivo quando comparado ao quantitativo de pessoas brancas que responderam ao questionário.

Vale associar esse dado ao território dos(as) respondentes, visto que buscamos investigar a região brasileira que os(as) respondentes são naturais. Dessa maneira, 791 bibliotecários(as) informaram a região em que nasceram, sendo o maior quantitativo de bibliotecários(as) respondentes das regiões Sudeste (341; 43,1%) e Sul (277; 35%), com uma participação ainda pouco expressiva de participantes das regiões Centro-Oeste (82; 10,4%); Nordeste (81; 10,2%) e Norte (10; 1,3%). Esse resultado pode estar inter-relacionado aos dados anteriormente apresentados, em que se evidencia a raça que os(as) participantes se autodeclararam. Segundo dados apresentados pelo IBGE (2020-2021), de um total de 214.154 pessoas negras, a região Sudeste (90.210) é a que possui um maior quantitativo de pessoas negras, seguida das regiões Nordeste (57.805) e Sul (30.562). O que podemos evidenciar que há uma disparidade no quantitativo de pessoas bibliotecárias negras nas regiões Sudeste e Sul, especialmente que responderam este questionário. O que nos conduz à indagação sobre o ingresso de pessoas negras nas universidades e no mundo do trabalho, especialmente nessas regiões. Cabe destacar que outro fator também pode estar relacionado à oferta do curso de Biblioteconomia e postos de trabalho nestas regiões.

Também é preciso refletir que além de ingressar, o sujeito precisa se manter na universidade, e quanto maior for sua conscientização sobre sua formação, mais planejado(a) será para participar das atividades que a universidade oportuniza, sem perder o foco no tempo de conclusão do curso e adentramento ao mundo do trabalho. Nesse sentido, investigou-se com quanto tempo os(as) bibliotecários(as) concluíram o curso, sendo que 790 respostas foram ofertadas à essa questão, em que 371 (47%) bibliotecários(as) indicaram que se formaram exatamente com 4 anos, tempo mínimo de conclusão do curso de Biblioteconomia

e 139 (17,6%) dos(as) respondentes com menos de 4 anos. Por outro lado, 230 (29,1%) dos(as) bibliotecários(as) concluíram o curso acima de 4 anos; e 50 (6,3%) dos(as) bibliotecários(as) formaram-se acima de 4 anos com interrupções. Quando somamos os que concluíram o curso acima de 4 anos (230; 29,1%) e aqueles(as) que também foram acima de 4 anos, com interrupções (50; 6,3%), obtêm-se um total de 280 bibliotecários(as), número que demonstra uma realidade de pessoas que enfrentaram algum nível de dificuldade e ou barreiras para alcançar a conclusão do ensino superior.

Os aspectos mais indicados que inviabilizaram a conclusão em menos ou em 4 anos de curso são múltiplos, relacionados à saúde pessoal; à instituição de formação - por exemplo, greve dos(as) funcionários(as) das universidades e transferência de instituição de trabalho; questões familiares; idade; filhos; mobilidade entre a cidade ou bairro que reside e a universidade. A subsistência e de pessoas que são dependentes favoreceu que esses(as) bibliotecários(as) se mantivessem no curso por mais tempo, conciliando estudo, trabalho e cuidado de pessoas próximas da família. Tais barreiras e ou dificuldades em concluir o curso de Biblioteconomia no tempo mínimo, demanda a necessidade da comunidade acadêmica atentar-se em relação ao cuidado com o outro e as condições que oportunizam uma formação humanizadora.

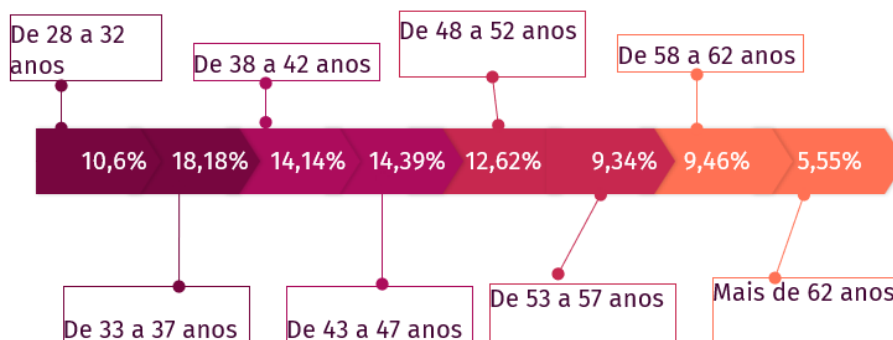
Ao se questionar sobre a conciliação entre trabalho e cuidado com outrem (filhos, pais ou parentes), apenas duas pessoas não responderam à pergunta. Dos (as) respondentes, 67,6% afirmam que não precisaram, ao longo de sua formação, cuidar de alguém, enquanto 32,4% expressam que sim. Vale ressaltar que 33,17% das pessoas que responderam sim são mulheres cisgênero, enquanto 20,16% são homens cisgênero. Quando o recorte leva em consideração a comunidade transgênero (aqui entendidas como pessoas transexuais, não-binárias e gênero fluido), percebemos que o cuidado também recai de forma mais recorrente por sobre estas pessoas, uma vez que 42,8% das pessoas não-binárias respondeu afirmativamente à pergunta, enquanto as únicas pessoas de gênero fluido e mulher transgênero afirmaram que também tiveram que dividir seu tempo entre a graduação e o cuidado.

Destacamos que dos homens cisgênero que responderam dividir este mesmo tempo 28% são homossexuais ou bissexuais. Neste sentido, uma inferência que pode ecoar destes dados é que as pessoas LGBTQIAPN+ precisam dividir a atenção entre a formação e o cuidado, quando comparadas à totalidade das pessoas que integraram a pesquisa. Destacamos,

además, que 21 pessoas preferiram não responder acerca de seu gênero, enquanto 3 simplesmente não responderam, mas expressaram sua relação com tempo e cuidado.

Sobre a faixa etária dos(as) respondentes, a maioria estava entre 33 e 37 anos, com 18,18%, seguidos de 14,39% e 14,14% entre 43 e 47 anos e entre 38 e 42 anos, respectivamente. A menor parcela de respostas se deu para pessoas com mais de 62 anos (5,55%) e na faixa entre 23 e 27 anos (5,68%), respectivamente; seguidas das faixas entre 53 e 57 anos, com 74 respostas e 75 respostas (9,46%) na faixa de 58 a 62 anos (figura 1).

Figura 1 - Faixa etária dos respondentes



Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Dos 44 respondentes com mais de 62 anos, apenas 3 pessoas se declaram pretas e 4 pardas; e a maioria são mulheres cisgêneros, entretanto, uma pessoa se identificou como gênero fluído. As pessoas com mais de 62 anos que participaram da pesquisa, algumas afirmaram que não tiveram nenhuma dificuldade em relação a idade e sua colocação no mercado de trabalho ou relações com colegas. Entretanto, falas como ‘me senti idoso’, minha formação ocorreu quando eu ainda era jovem, no momento oportuno’ ou ingressei na idade certa, aos 20 anos’, reforçam que há um entendimento a respeito do período relativamente aceito para se graduar e atuar na profissão.

Os marcadores sociais indicados anteriormente não deveriam ser balizadores para analisar a competência profissional de um ser que deseja, ou tem perfil, para atuar como gestor(a). Julgar a idade, a raça, a sexualidade, o gênero, ou qualquer outra característica social de um ser, privando-o de assumir cargos, demonstra que ainda temos um caminho árduo de embates para uma sociedade que deseja ser pautada na equidade e justiça social.

Sobre o exercício de cargos de gestão, dos(as) 786 respondentes, 56,6% concordaram plenamente e 15% concordaram que ocupam ou já ocuparam tal cargo de gerência. Por outro lado, 5% discordaram e 15% discordaram plenamente que tiveram a oportunidade de atuar

na gestão. Percebemos um crescimento substancial no número de bibliotecários(as) que discordaram dessa questão e inúmeras são as possibilidades, desde o não desejo de ser gestor(a), até interferências associadas às possíveis posturas que têm como base um modelo historicamente e socialmente imposto, como padrão de sujeito que deve ocupar determinado espaço. Assim, é preciso analisar e (re)conhecer as barreiras que impedem os sujeitos de alcançarem o cargo de gestão, fomentando uma reflexão sobre esses entraves e, coletivamente, buscando atuar a favor da conquista de direitos, em que todos(as) possam alcançar lugares que desejam, segundo a competência que desenvolveram nesse processo.

Destacamos ainda que em relação remuneração salarial, 315 respostas estão na faixa de plenamente satisfeito e satisfeito (23,35% e 16,41%, respectivamente) que somam juntos 38,76%. Há que se considerar dois pontos essenciais, o primeiro é que a maioria dos respondentes são das regiões Sul e Sudeste, que figuram as regiões com mais escolas de Biblioteconomia e maiores oportunidades empregatícias, além de melhores remunerações; o segundo, é que 71,6% exercem ou exerceram cargos, o que resulta em um salário maior, acrescido do adicional por gestão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É salutar o espaço do debate, de compartilhar a diversidade de pensamentos, ideias e saberes; somos seres singulares - nossa cor, raça, idade, gênero, entre outros marcadores sociais, nos possibilitam vivências diferentes - tornando importante o espaço do contraditório e das reflexões sobre a complexidade das relações sociais. Entretanto, a Biblioteconomia, no exercício de seus(uas) agentes, também deve fomentar o terreno fértil da tolerância e o princípio da alteridade nas relações, de modo, a respeitar o diferente, possibilitando a construção de saberes, pautados na negociação e no processo dialógico. Entendemos que esse tipo de reflexão e ação conduz ao(a) bibliotecário(a) alcançar essa postura também ao interferir nas relações com o outro e subsidiar aqueles(as) que, pautados(as) na informação e atuação desse(a) profissional, poderão ‘acordar’ soluções e juntos(as) desenvolverem ações efetivas no campo social. Assim, só refletindo sobre si e suas relações com o mundo que pertencem, os(as) bibliotecários(as) também poderão ter coerência e consciência de suas ações como mediadores da informação e mediadores da cultura que são.

É preciso aqui discutir sobre o tempo de ingresso e permanência na Universidade, pois o que socioculturalmente é reconhecido, de uma tenra idade, legitima um discurso de um

grupo hegemônico, que se deseja segregar e afastar a crença de que aquelas pessoas que precisaram lutar por sua sobrevivência, cuidar do outro que dependiam delas, e, especialmente, (re)conhecer-se pertencente da universidade e da possibilidade de cursar o Ensino Superior, podem e devem, se desejarem, estar incluídas nesse lugar. Sim, os dados revelam que essa parcela que não é mínima - mesmo que em um quantitativo pouco expressivo de respondentes - de Nordestinos(as), pretos(as), com idade superior a 62 anos, entre outras características aqui evidenciadas, lutam por opções, por ter a liberdade de escolher cursar o Ensino Superior, por ressignificar sua existência. Assim, é preciso que os(as) bibliotecários(as) identifiquem essas questões socioculturais que os(as) envolvem, e atuem em um processo de emancipação social, em que, independentemente dos ambientes informacionais que desenvolvam suas atividades profissionais, possam refletir junto sobre a pluralidade que envolve os sujeitos, repercutindo na possibilidade de escolha, de liberdade e direito de existir e estar incluído(a) em territórios sociais.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polén, 2019. (Col. Feminismos Plurais).

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 30 jun. 1962. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l4084.htm. Acesso em: 8 jun. 2023.

CABRAL, Uberlândia. População cresce, mas número de pessoas com menos de 30 anos cai 5,4% de 2012 a 2021. **Agência IBGE Notícias**, Estatísticas sociais, jul. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34438-populacao-cresce-mas-numero-de-pessoas-com-menos-de-30-anos-cai-5-4-de-2012-a-2021>. Acesso em: 11 jun. 2023.

CRENSHAW, Kimberle. Mapping the margins: intersectionality, identity politics and violence against women of color. **Stanford Law Review**, Stanford, v. 43, n. 6, jun. 1991, p. 1241-1299. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1229039?origin=JSTOR-pdf>. Acesso em: 11 jun. 2023.

FREDRICH, Vanessa Cristine Ribeiro; COELHO, Izabel Cristina Meister; SANCHES, Leide da Conceição. Desvelando o racismo na escola médica: experiência e enfrentamento do racismo pelos estudantes negros na graduação em medicina. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, n. 20, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/kZHZN7qXTLVjYXnc7HP/>. Acesso em: 11 jun. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: tabelas - 2022 educação. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html>. Acesso em: 11 jun. 2023.

MORAES, Marielle Barros. Biblioteconomia progressista: elementos para repensar a formação. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 4, n. esp., p. 5-14, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/119234>. Acesso em: 08 jun. 2023.

MULHERES brasileiras na educação e no trabalho. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE Educa, Crianças, Atualidades, [20--]. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/atualidades/20459-mulheres-brasileiras-na-educacao-e-no-trabalho.html>. Acesso em: 11 jun. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Relatório mundial sobre o idadismo**. Washington: OPAS, 2022. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/55872>. Acesso em: 10 jul. 2023.

PERROTTI, Edmir; PIERUCCINI, Ivete. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, Marilda L. Ginez de; FUJINO, Asa; NORONHA, Daisy P. (org.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007. p. 47-96. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/nucleos/colabori/documentos/Infoeducacao.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2023.

PIRES, Hugo Avelar Cardoso. **Relações de gênero e a profissão bibliotecária na contemporaneidade: panorama nacional e os motivos da entrada masculina em curso majoritariamente feminino**. 2016. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-AE6MYV>. Acesso em: 11 jun. 2023.

RICHARDSON, Roberto Jerry *et al.* **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

SOUZA, Beatriz Alves de. **O gênero na Biblioteconomia: percepção de bibliotecários**. 2014. 270 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/129392>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SHERA, Jesse H. Epistemologia social, semântica geral e biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Brasília, v.6, n.1, p. 9-12, 1977. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/92/92>. Acesso em: 11 jul. 2023.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Competências essenciais para a formação e a atuação do bibliotecário. **Revista eletrônica da ABDF**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 46-63, 2019. Disponível em: <https://revista.abdf.org.br/abdf/article/view/23>. Acesso em: 8 jun. 2023.

XAVIER, Ana Laura Silva. **A presença do feminino na Biblioteconomia brasileira: aspectos históricos**. 2020. 142 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Marília, 2020. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/193372/xavier_als_me_mar.pdf?sequence=9&isAllowed=y. Acesso em: 11 jun. 2023.